

CULTURA ESCRITA NO ALTO SERTÃO DA BAHIA: CORRESPONDÊNCIAS DE MULHERES EM TRÊS GERAÇÕES (1844 -1950)

Zélia Malheiro Marques

Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)

Endereço eletrônico: zmmarques@uneb.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco central de discussão a cultura escrita, no Alto Sertão da Bahia¹, a partir da análise de duas correspondências de mulheres pertencentes à família do Barão de Caetité (José Antônio Gomes Neto; 1822 - 1889) e à família de Deocleciano Pires Teixeira (1844 – 1930). Trata-se de um recorte da pesquisa de doutoramento (MARQUES, 2021) que buscou compreender os modos de participação dessas mulheres nas culturas do escrito entre meados do século XIX e meados do século XX. Neste trabalho, o objetivo é discutir sobre especificidade do uso da escrita de mulheres evidenciada a partir da organização de três gerações de mulheres: primeira (1844 – 1888); segunda (1901 – 1944) e terceira (1901 – 1950).

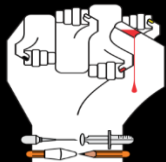
As mulheres que compõem as três gerações, em uso da escrita epistolar, foram identificadas com o quantitativo de 1.362 correspondências recebidas e 1.305 enviadas, somando um total geral de 2.667 correspondências, as quais integram um amplo acervo familiar, que se encontra, no Arquivo Público Municipal de Caetité – APMC². São pertencentes a famílias de influência econômica e social, no Alto Sertão da Bahia³.

Com o conceito de gênero discuto a categoria de mulheres, em papéis sociais subalternos, em adesão à Nova História Cultural, perspectiva para a qual sujeitos, objetos, fontes e problemas são reconfigurados, dando destaque às pessoas comuns e anônimas e a escritos não oficiais (BURKE, 1992). Justifica-se, pois, o trabalho que

¹Lugar resultante do movimento de migração, do encontro de diversas etnias, do tráfico de pessoas escravizadas, da presença de posseiros, rendeiros, entre outros, e de algumas famílias que se tornaram influentes política e socialmente (NEVES, 2003; PIRES, 2003, dentre outros).

²Encontra-se no Arquivo Público Municipal de Caetité (APMC), no fundo de correspondências relacionadas ao Barão de Caetité e à família Spínola Teixeira e, de forma digital, pelo AtoM- *Software Livre Access to Memory*.

³Neste lugar, pelo processo de interiorização de colonizadores, verificam-se as famílias das mulheres (a do Barão de Caetité e a de Deocleciano Pires Teixeira) em domínio patriarcal, Besse (1999) e o uso da cultura escrita, como destaca Chartier (1991), em integração com as pessoas do lugar. Para entender a adversidade identificada, insiro os estudos de Galvão (2007), considerando a perspectiva histórica e a participação dos diversos sujeitos e grupos sociais nas “culturas do escrito”. A autora defende a ideia do lugar ocupado pelo escrito em contribuição a diferentes grupos em distintos contextos temporais e culturais, questão que se associa ao cenário da pesquisa.



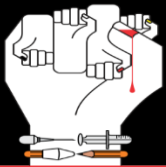
analisa correspondências de mulheres, a maioria inéditas, pelo despertar de novos estudos em envolvimento de outras áreas do conhecimento e, neste resumo, elejo duas dessas correspondências, em ampla temporalidade de produção epistolar (1844 - 1950), exemplificando a adversidade de participações delas na cultura escrita. A primeira carta é de Rita Sofia (1844), pertencente à família do Barão de Caetité e a segunda é de Carmen (1944), filha caçula de Deocleciano Pires Teixeira.

METODOLOGIA

Este trabalho se apoia na pesquisa documental, a partir da análise de conteúdo, conforme Bardin (2006), tendo como fontes principais, as correspondências (cartas, cartões, telegramas, fotografias e cartões postais) de mulheres do Alto Sertão da Bahia, produções em ampla temporalidade (1844 -1950). Para a análise empreendida, seleciono, especialmente, as correspondências enviadas pelas mulheres, discutindo aspectos da escrita epistolar, conforme Gómes e Blas (2014), dentre outros. Destaco o uso do gênero textual e as formas da escrita epistolar, mas para este trabalho, considero algumas questões principais: qual o quantitativo das correspondências das mulheres? Como se organizou as gerações das mulheres? Como se deu a escrita epistolar das mulheres?

Para responder às questões, busco estudos de quem define especificidades de uma geração em relação a outra. Recorro aos estudos de Karl Mannheim, uma discussão apresentada por Weller (2010) e por Sirinelli (2002), que evidenciam, não apenas a dimensão cronológica de pertencimento dos sujeitos, mas também as experiências expressas pela diversidade das ações e reações de cada geração de mulheres em apresentação da abrangência dos estudos pelas relações intergeracionais. Neste tipo de análise, de acordo com Weller (2010), observa-se o contexto histórico, político e social. De fato, os usos da escrita não se deram, de forma homogênea, sendo muitos excluídos do processo. Por isso, fez-se importante evidenciar a categoria (mulher), que, enquanto grupo social, atuou, em um período em que as habilidades de ler, escrever, produzir e participar de instâncias sociais eram práticas restritas a uma pequena parcela da população, muitas vezes, uma maioria masculina.

Em três gerações, 12 mulheres, sujeitos da pesquisa: primeira geração (Rita Sophia Gomes Lima, a irmã do Barão de Caetité e Elvira Benedita de Albuquerque Gomes, a Baronesa - 1828-1894; segunda geração (Alzira Spínola Teixeira - 1882-1943



- filha de Deocleciano Pires Teixeira, que após se casar, torna-se integrante, também, da família do Barão de Caetité, Maria Victoria G. A. Lima - 1851-1908 -, a primeira filha do Barão de Caetité; Alice Spínola Teixeira Santos - 1877 -, primeira filha de Deocleciano Pires Teixeira e Anna Spínola Teixeira - 1864 – 1944 - a terceira esposa de Deocleciano); terceira geração (as filhas do terceiro casamento de Deocleciano Pires Teixeira com Anna Spínola Teixeira - 1864 – 1944, todas nascidas em Caetité – Bahia: Evangelina Spínola Teixeira - 1886 – 1965 -, Celsina Spínola Teixeira - 1887 – 1979 -, Hersília Spínola Teixeira - 1891 – 1968 -, Leontina Spínola Teixeira - 1896 – 1978 -, Angelina Spínola Teixeira - 1905 – 1982 - e Carmen Spínola Teixeira - 1909 - 2002).

Pela organização das gerações, fez-se possível discutir especificidades da escrita epistolar de mulheres e, através das duas cartas, em temporalidade diferente, exemplifico parte da discussão feita, demonstrando não apenas a cronologia, mas a subjetividade de situações em comprovação de modos distintos em uso da escrita por parte de mulheres que desenvolveram uma rede de sociabilidade.

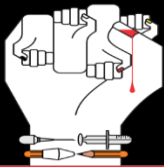
RESULTADOS E DISCUSSÃO

A parte da carta de Rita Sofia, a seguir, evidencia a vila de Caetité, especificamente, no dia 22.10.1844⁴, data da correspondência que é direcionada ao seu irmão, o Barão de Caetité. Pelo conteúdo, identifica-se, um cotidiano familiar a dizer sobre privilégios, de quem, estando, no meio urbano, pôde se refugiar, em ambiente rural, devido a problemas com doença contagiosa: [...] Eu e sua mana estivemos na rossa por três mezes por causa das bexigas q. tem feito nessa villa hum estrago terrível tem morrido m^{to} mais de 100 pessoas e do numero dos mortos conta-se Manoel Patrício João Albino Xico [...].

Do mesmo lugar, porém, outra parte da população, os pobres, conforme descreve a autora da carta, vivendo em sofrimento e em situação de morte. Sua escrita evidencia, assim, o contraste social do lugar. A outra carta escolhida é de Carmen e está direcionada a sua irmã, Celsina. Está datada de 27 de agosto de 1940⁵. Além de pertencer a um período bem distante, se comparada com a data da carta de Rita Sofia, diferente é, também, o conteúdo em comunicação. Chamou-me a atenção o diálogo das duas irmãs (Carmen e Celsina) dando ênfase à discussão educacional, questão a dizer

⁴ APMC. AFBC. JAGN.1.35.2

⁵ APMC. AFST. CTL.1.18.8



sobre os pioneiros da educação pública no Brasil⁶. Em sua carta, Carmen evidencia preocupações com o cotidiano do ensino na Escola Normal em Caetité: “Estes forasteiros que surgem por aí ‘passam de pato a ganso’ com muita rapidez... E como Caetité é cada dia mais ‘terra de ninguém’ sempre teremos de estar as voltas com esses indesejáveis, cujo prazer é criar ‘casos’”.

Tensões políticas marcam o processo de implantação da Escola Normal de Caetité, que foi criada pela Lei nº 117, de 24 de agosto de 1895 e reintegrada no ano de 1926, no entanto trata-se de discussão para outros estudos.

913

CONCLUSÃO

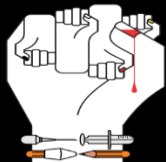
As cartas de Rita Sofia (1844) e de Carmen (1944) referem-se à sociabilidade cotidiana de mulheres pertencentes às famílias de influência econômica e social no Alto Sertão da Bahia. A primeira, porém, vincula-se aos interesses familiares, expressando padrões sociais diferentes para a população daquele período. A segunda carta expressa as preocupações da autora com o modo como se desenvolviam as práticas educativas, no Alto Sertão da Bahia, questão a dizer não apenas sobre implantação de escolas públicas para o lugar, mas também a dizer sobre o seu envolvimento com a busca da qualidade de ensino.

Não cabe, neste trabalho, aprofundamentos da temática, mas importa ressaltar a escrita epistolar de mulheres, fontes pouco acessadas, propiciando uma discussão de rede de sociabilidade em expressividade de experiências de vida em adversidade social. Tirá-las da invisibilidade, conforme Perrot (1988), é dar ênfase a mulheres, em gerações diferentes, discutindo temas que ainda perduram na atualidade, como a necessidade de formação de quadro de permanência em fortalecimento do ensino interiorano. Seriam esses os que passavam de “pato para ganso”, os que criavam “casos”, conforme escrita de Carmen?

Em constituição de sociabilidade, principalmente familiar, encontram-se as gerações de mulheres em uso da cultura escrita muito além do Alto Sertão da Bahia.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Escrita Epistolar. Mulheres.

⁶ Convém ressaltar que Anísio Teixeira, irmão de Carmen, desde os anos trinta, fez a defesa pelo diálogo da ciência com a arte, ressaltando o pensamento livre a favorecer o ato criador a despertar os diversos talentos a partir do processo educacional. (NUNES, 2001).



REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Edições 70. (Obra original publicada em 1977). Lisboa: 2006.

BESSE, Susan Kent. **Modernizando a desigualdade**: reconstrução a ideologia de gênero no Brasil, 1914 - 1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

BURKE, P. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992, p.7-37.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. *In*: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (Org.). **História de vida privada**. Da Renascença ao Século das Luzes. Tradução: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.113-155.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira et al. (ORG.). **História da Cultura Escrita**: séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GÓMEZ, A. C.; BLAS, V. S. (dir.) **Cartas - Lettres - Lettere**. Discursos, Prácticas y Representaciones epistolares (siglos XIV - XX). España: Universidade de Alcalá, Servicio de Publicaciones, 2014.

MARQUES, Zélia Malheiro. **Correspondências de mulheres do alto sertão da Bahia (1844 - 1950)** [manuscrito]: práticas de leitura e de escrita. Tese (Doutorado em Educação). – Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

NEVES, E. F. **Posseiros, rendeiros e proprietários**: Estrutura Fundiária e Dinâmica Agro-Mercantil no Alto Sertão da Bahia (1750-1850). 2003. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2003.

NUNES, Clarice. **Anísio Teixeira**: a poesia da ação. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIRES, M. F. N. **O crime na cor**: escravos e forros no alto Sertão da Bahia – 1830 - 1888. São Paulo: Annablume, Fapesp, 2003.

SIRINELLI, J. F. A geração. *In*: AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. **Usos & Abusos da História Oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

WELLER, V. A atualidade do conceito e gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, p.205-224, mai./ago. 2010.